

## A utopia concreta do cuidado em Leonardo Boff

Rogério Bianchi de Araújo<sup>1</sup>

*Na nossa cultura, praticamente, esquecemos de cultivar a vida do espírito que é nossa dimensão mais radical, onde se albergam as grandes perguntas, se aninham os sonhos mais ousados e se elaboram as utopias mais generosas.*

*Leonardo Boff*

**Resumo:** Neste artigo analiso alguns aspectos da obra do teólogo, filósofo e ecólogo brasileiro Leonardo Boff, principalmente no que se refere à ética e ao cuidado. Diante de um mundo cada vez mais pragmático e utilitário com políticas neoliberais e lógicas de mercado excludentes, Boff chama a atenção para resgatar-mos referências antropológicas fundamentais, tais como afetos, sentimentos, cuidados, solidariedades e generosidades. A crise ambiental é grave, mas Boff vê aspectos positivos que podem reativar o nosso *ethos* essencial de convivência numa mesma Casa Comum. Para isso, faz-se necessário algumas mudanças fundamentais no campo das ciências, da religião, da política, da economia, etc. A mudança paradigmática é profunda, o que exige um esforço para pensarmos sobre o prisma da complexidade e abandonarmos os pensamentos extremamente fragmentados a fim de entendermos a crise planetária e sistêmica sob a qual estamos imersos.

**Palavras-chave:** Ética, Cuidado, Utopia.

---

1 Pós-Doutor em Estudos sobre a Utopia na Universidade do Porto. Doutor em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela PUC/SP. Professor de Antropologia do Curso de Ciência Sociais e professor do Mestrado Profissional em História na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. E-mail rogerbianchi@uol.com.br

# 1 Introdução

Este artigo faz parte de uma série de estudos que estou realizando atualmente a partir da temática do pensamento ambiental. Está inserido dentro do campo de Estudos sobre a Utopia, área temática de pesquisa sob a qual realizei meu pós-doutorado na Universidade do Porto no ano de 2015. Nesse estudo faço uma análise da Ética do Cuidado proposta por Leonardo Boff sob o viés do pensamento utópico. Boff é um teólogo, ecólogo e filósofo, surpreendentemente ainda pouco estudado nas universidades. Sua preocupação ambiental e humanitária é digna de elogios e por isso o reverencio como um grande utopista brasileiro contemporâneo.

A ciência passa por um processo de especialização cada vez maior. Com isso, faz-se necessário algum elemento que consiga resgatar a unidade do humano. O cuidado pode ser o elemento que falta para fazer essa transversalidade em resgatar a ligação do homem consigo mesmo, o resgate com o mundo, o cuidado com o outro, com o social, com a ecologia e com a espiritualidade. O cuidado na perspectiva de Boff ajuda a promover a religação de todos os saberes.

Não podemos socializar os meios de produzir e os meios de governar sem ter a questão contundente dentro de si de que é o cuidado de tudo que nos permite a vida, com tudo que pulsa, canta, floresce, frutifica, no nosso planeta tão machucado. Ou cuidamos da nossa casa comum ou iremos ao encontro de um abismo. Pela primeira vez a crise pela qual passamos é sistêmica e, portanto, planetária. É a crise da vida e da nossa própria existência.

De acordo com a utopia de Boff, primeiro passaremos por situações dramáticas e de difícil travessia, mas que irá gerar uma articulação entre povos e civilizações fundando uma espécie de República Mundial que terá como valor fundamental o cuidado com a Terra e com seus filhos e filhas e fará a gestão adequada dos recursos limitados do planeta a fim de garantir a vida de todos, inclusive das futuras gerações. O destino comum nos convida a um novo começo conforme consta na Carta da Terra.<sup>2</sup>

Nesta nova modalidade de sociedade, a ética e a espiritualidade serão os elementos básicos para seu bom funcionamento. A utopia de Boff acredita na configuração de um novo pacto mundial, um pacto com perfil sócio-cósmico de sobrevivência e de convivência fraterna. Finalmente, a fraternidade, lema relegado a um segundo plano desde a Revolução Francesa, pode estar à frente deste processo revolucionário. Para tanto, teremos que ter uma nova mentalidade, um

---

2 A Carta da Terra é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Na Comissão de Redação estavam Mikhail Gorbachev, Maurice Strong, Steven Rockefeller, Mercedes Sosa, Leonardo Boff e outros.

novo coração que possa sentir diferentemente as coisas, e ao mesmo tempo ter o sentido de interdependência de todos com todos e a responsabilidade coletiva para garantir a vida no planeta.

## 2 O respaldo ético

Boff aposta no tão sonhado entendimento das diferenças e das diversidades que poderão coexistir em harmonia. Seu desejo utópico é na elaboração de novas sensibilidades com base na lógica do coração e no cuidado de uns para com os outros, as quais darão origem a uma espiritualidade profunda. Princípios de sabedoria, amorização e beleza estarão entranhados na humanidade. O espiritual passará a ser a maior dimensão objetiva do cosmos e de cada ser humano.

Esse cenário utópico desenhado por Boff fundará uma nova ética que se estruturará a partir de dois valores imprescindíveis: a justa medida e o cuidado essencial. A busca constante pelo equilíbrio vai ser a grande tônica desta utopia. O imperativo ético da justa medida permitirá que os recursos sejam suficientes para todos e divididos equitativamente sem a lógica desenfreada do consumismo e das compras compulsivas.

Em relação ao cuidado, Boff argumenta que

Cuidar significa entreter uma relação amorosa com a realidade e com cada ser da criação. E investir coração, afeto e subjetividade. As coisas são mais que coisas que podemos usar. São valores que podemos apreciar, são símbolos que podemos decifrar. Cuidar significa envolver-se com as pessoas e as coisas, dar-lhes atenção, colocar-se junto delas, senti-las dentro do coração, entrar em comunhão com elas, valorizá-las e compreende-las em sua interioridade. Tudo de que cuidamos também amamos. E tudo que amamos também cuidamos. Pelo fato de nos ligarmos afetivamente com as pessoas e as coisas nos preocupamos com elas e sentimos responsabilidade por elas (BOFF, 2000, p. 41).

A essência do humano reside no cuidado. Nessa concepção, é o cuidado que funda o *ethos* mínimo da humanidade. Na utopia de Boff o cuidado salvará o amor, a vida, a convivência social e a Terra. É quando a ética do cuidado triunfará de vez e fundará a nova humanidade.

Para que esse caminho seja pavimentado, Boff elege o sentimento como princípio. Afinal é ele que nos reconecta com tudo que fora esquecido, abandonado e descartado. A esse sentimento profundo Boff chama de cuidado. O excesso de racionalidade não consegue registrar a profundidade de determinados elementos cruciais que enriquecem o processo de humanização e solidariedade.

Para Boff, o cuidado é um priori ontológico, está na origem da existência do ser humano, mas que só poderá ser resgatado na sua essência se nos livrarmos da ditadura do modo-de-ser-trabalho-produção-dominação. Fomentar sentimentos passa pela necessidade de recuperarmos o verdadeiro sentido do trabalho como uma integração real e efetiva com a natureza, ao contrário da eliminação desta.

A ética do cuidado implica na valorização da capacidade de sentir e ter compaixão pelos outros seres, de priorizar a lógica do coração que produz cordialidade e gentileza em detrimento da lógica destruidora da conquista, da competição e do modelo utilitário de conceber pessoas e coisas. A lógica do coração para Boff é a capacidade de encontrar a justa medida e construir o equilíbrio dinâmico.

Optar pelo cuidado é uma forma revolucionária de pensar e agir na atual conjuntura de estranhamentos mútuos na relação entre pessoas, coisas e natureza. O desafio maior é ressaltar e priorizar a dimensão espiritual e subjetiva das coisas a fim de criar uma outra simbiose e outras sinapses mentais no relacionamento humano com os outros e com a natureza.

Não é de agora que Leonardo Boff vem atuando no sentido de alertar para o dever ético com o cuidado do planeta. É um dos maiores críticos da industrialização crescente e do consumismo massivo. Defende urgentemente a necessidade de uma alfabetização ecológica que possa rever os nossos hábitos de consumo.

Como então fundar o sonho utópico de uma ética planetária? Como superar o desafio de criar um consenso mínimo sobre os valores éticos que possam ser absorvidos e aplicados para todos os humanos conscientes de habitar um lugar comum, o planeta Terra?

Há também o lado positivo de toda crise acentuada. Nos permite dar um mergulho profundo e buscarmos as raízes éticas. Só se discute sobre ética quando se percebe a falta dela, por isso as crises são momentos de oportunidade antes de serem consideradas como o fim de todas as esperanças. A razão não pode ser valorizada como o único elemento possível para a existência humana. Quando ela está em crise abre-se o espaço para a afetividade.

Segundo Boff, na raiz de tudo não está a razão (*Logos*), mas a paixão (*Pathos*). Assim, propõe a superação da dicotomia entre o *pathos* e o *logos*. Na verdade, seriam elementos complementares. O *pathos* e o cuidado seriam os referenciais primordiais do *ethos* humano e planetário. Para Boff, “o conhecimento pelo *pathos* se dá num processo de *sim-pathia*, quer dizer, de identificação com o real, sofrendo e se alegrando com ele e participando do seu destino” (BOFF, 2003, p. 81). Dessa maneira, *logos* e *pathos* devem forjar o cuidado que é a experiência-base da vida humana.

### 3 O cuidado como imperativo ético

De acordo com a lei da entropia, as coisas vão desgastando e acabam, por outro lado, se você cuida elas duram. A entropia é um processo desordenado, involutivo. Existe entropia quando não buscamos uma transformação radical, quando nos contentamos em ser assim como somos. Depois de um longo processo involutivo chega-se à morte.

Para o filósofo Martin Heidegger, tudo é filosofia, tudo é manifestação e revelação do ser. Em seu livro clássico “Ser e Tempo” Heidegger quer responder a pergunta: “Quem é o ser humano?”. Conclui que o cuidado é a essência do ser humano. Cuidado é o pressuposto que tem que existir para que emergja um outro ser. Cuidado é orientador antecipatório de nossos atos.

Ser, para o Dasein, é ser no cuidado, ser cuidadosamente, ser no cuidado do ser. O que é cuidado? Heidegger caracteriza o cuidado como ser na antecedência de si (momento da existência como projeto, ser para um poder-ser), já num mundo (momento da facticidade), junto ao ente intramundano [...] O cuidado é portanto o ser do Dasein, e funciona a este título como puro a priori. Ele é, assim, a condição de possibilidade, a abertura necessária, o espaço de jogo para fenômenos como o querer, o desejar, a propensão, a inclinação (DUBOIS, 2004, p. 43).

Para Boff, o cuidado é uma relação amorosa porque estamos afetivamente ligados com as coisas. Envolve preocupação porque estamos efetivamente ligados às pessoas. Cuidado é uma dimensão do profundo humano.

O *ethos* é a morada humana. O cuidado implica na forma como organizamos essa morada. Para nós, hoje o *ethos* é o planeta, a nossa casa comum. É por isso mesmo que ética e cuidado estão profundamente ligados. O cuidado não é uma simples ação, tem que ser um projeto humano. As pessoas precisam acordar para entender o que acontece a sua volta e entender como um problema coletivo, local e global ao mesmo tempo.<sup>3</sup> A ética nasce da religião, da razão e de algo mais

---

3 Numa das muitas palestras de Leonardo Boff, ele recorre ao conhecido aforismo de Sören Kierkegaard (1813-1855), famoso filósofo dinamarquês, sobre o clown, um palhaço de circo, para exemplificar sua fala. Começa um incêndio nas cortinas do fundo do teatro. Um palhaço que entraria em cena tem a missão de avisar a plateia. Pediu ajuda para apagar as chamas mas como era um palhaço ninguém acreditou na veracidade daquela súplica, pelo contrário, davam gargalhadas. O palhaço alertava com veemência: “o fogo está queimando as cortinas, vai queimar todo o teatro e vocês vão queimar junto”. Elogios vieram de toda a parte para a performance do palhaço por ser tão convincente em sua “atuação”. O fato é que o fogo consumiu o palco e todo o teatro com as pessoas dentro. Termina Kierkegaard: “Assim, suponho eu, é a forma pela qual o mundo vai acabar no meio da hilariedade geral dos gozadores e galhofeiros que pensam que tudo, enfim, não passa de mera gozação”.

profundo que é o sentimento, aquilo que os modernos chamam de inteligência emocional ou a razão sensível.

O cuidado essencial constitui um dos princípios básicos da ética. O cuidado é uma relação amorosa, uma relação envolvente com a realidade, é a mão que se estende para acarinhar, para se entrelaçar com outras mãos. O cuidado fundamentalmente se dirige para prevenir danos futuros e resgatar danos já acontecidos. A inteligência surge no cuidado porque o cuidado é a condição prévia para que o ser possa aparecer. O cuidado é o condicionador antecipado de toda ação. A ética do cuidado talvez seja hoje a ética mais urgente da humanidade. Cuidar das pessoas, cuidar dos pobres, da natureza, do planeta. O cuidado é uma atitude que todos entendem e pertence a essência humana.

O cuidado expressa a importância da razão cordial, que respeita e venera o mistério que se vela e re-vela em cada ser do universo e da Terra. Por isso, a vida e o jogo das relações só sobrevivem se forem cercados de cuidado, de desvelo e de atenção. A pessoa se sente envolvida afetivamente e ligada estreitamente ao destino do outro e de tudo o que for objeto de cuidado. Por isso o cuidado provoca preocupação e faz surgir o sentimento de responsabilidade (BOFF, 2003, p. 85).

De acordo com o físico Fritjof Capra, se os seres humanos respeitassem as leis da natureza, a complexidade de todos os seres e a interdependência de todos com todos nós, não precisaríamos falar de Ecologia. Capra foi tão longe em sua abordagem que resolveu fundar uma rede mundial de escolas de alfabetização ecológica com o objetivo máximo de ensinar a criar o hábito de cuidar do planeta. Segundo Capra,

O cuidado flui naturalmente se o 'eu' é ampliado e aprofundado de modo que a proteção da Natureza livre seja sentida e concebida como proteção de nós mesmos [...] Assim como não precisamos de nenhuma moralidade para nos fazer respirar... [da mesma forma] se o seu 'eu', no sentido amplo dessa palavra, abraça um outro ser, você não precisa de advertências morais para demonstrar cuidado e afeição [...] você o faz por si mesmo, sem sentir nenhuma pressão moral para fazê-lo. [...] Se a realidade é como é experimentada pelo eu ecológico, nosso comportamento, de maneira natural e bela, segue normas de estrita ética ambientalista (CAPRA, 2003, p. 29).

Na ética do cuidado tudo que vive só vive e mantém sua saúde se for permanentemente cuidado. Sanar as feridas passadas e antecipar a vinda das feridas

futuras é o maior desafio. Se tratarmos com cuidado a Terra ela responde com grande generosidade.

## 4 A transversalidade e a razão sensível

Quando Leonardo Boff fala da necessidade de um saber ecológico faz uma associação com a ideia de transversalidade em que há o imperativo de serem relacionados: pelos lados (comunidade ecológica), para frente (futuro), para trás (passado) e para dentro (complexidade). Trata-se de se detectar os intra-retro-relacionamentos de tudo com tudo. As partes estão no todo e o todo estão nas partes.

A transversalidade apregoada por Boff também permite que o homem possa se concatenar consigo mesmo, com o mundo, com o social, com a ciência e com a espiritualidade, esta última infelizmente renegada a um segundo plano pelas ciências.

Habitamos esse planeta, por isso a nossa consciência não pode mais ser a de uma nacionalidade qualquer, mas sim planetária. Também precisamos entender que não há diferença entre Terra e Humanidade. Somos uma realidade una.

As Ciências modernas, todas elas atomizadas e especializadas, raramente se relacionam umas com as outras. Com o perigo global, cada saber e cada ciência deve dar a sua contribuição para salvar o todo, mas para Boff a maioria delas não tem consciência. Antes servem o mercado, a acumulação e ao sistema econômico, para só mais tarde servir à vida.

Para dar conta da ética do cuidado e da configuração de um *ethos* mundial temos que recorrer à lógica do complexo e do holístico. A busca maior é pelo sentido do planetário que se esmera em quatro dimensões: uma visão ecocêntrica, ética global, globalização e nova cosmologia. A grande questão para Boff é saber que ética e que moral importaria viver nesta era ecozóica e planetária (BOFF, 2003).

Buscamos também estabelecer a transversalidade dos discursos e o estabelecimento de uma dialogia que busque minar as divergências e suprimir as diversidades na busca de uma melhor qualidade humana, espiritual e cívica de todos os indivíduos.

Boff parte do princípio de que a Terra não se sustenta muito tempo sem a vida do espírito. Apenas uma ética da Terra não é suficiente. Precisamos que esta venha acompanhada da espiritualidade que se funda na razão cordial e sensível. É essa razão que nos concatena com a ideia da “Casa Comum”, por meio de compromissos amorosos, de responsabilidade e compaixão para com ela.

A vida do espírito significa que precisamos nos esforçar para alcançar um entendimento mútuo e profundo, construir pontes de diálogo, cultivar o amor e a amizade e criar as condições necessárias para entender a responsabilidade pelo lugar e destino comum de todos nós.

É na vida do espírito que o ser humano plenamente se satisfaz, mas não se pode confundir-lo com a religiosidade, no sentido de seguir uma crença. A vida do espírito remete à profundidade antropológica, à verdadeira essência do ser, marcada sobretudo pela inteligência e pela vontade.

Boff salienta que existem os cuidados do corpo, os cuidados da psique, mas na nossa cultura não se incentiva o cuidado do espírito, lugar primordial em que se encontram os sonhos e as utopias generosas. O amor, a amizade, a compaixão, o cuidado e a abertura ao infinito são os alimentos imprescindíveis para a vida do espírito.

Dessa forma, é impossível para Boff separar a ética da vida do espírito. São como irmãs siamesas. De nada adianta pensarmos a ética de maneira técnica, pragmática e utilitária dentro de parâmetros de sustentabilidade dentro um sistema econômico perverso.

Segundo a profecia de Marx em 1843, quando escreveu o livro “A miséria da Filosofia”, haveria de chegar o tempo da grande corrupção, o tempo da penalidade universal onde tudo aquilo que era sagrado, como a consciência, o amor, a confiança, a amizade, tudo seria colocado no mercado e tudo ganharia preço. Isso seria o extremo da voracidade do capital. É exatamente essa ideologia de que “tudo tem seu preço” que fez com que a vida do espírito ficasse estereotipada como algo “exótico” no meio acadêmico ou intelectualizado, ou que ficasse absorvida exclusivamente pela crença religiosa separando-se da perspectiva antropológica da condição humana. A vida do espírito que antes era algo natural e podia ser cultivado agora tornou-se um objeto a ser conquistado, de difícil alcance.

Karl Polanyi, em seu livro escrito em 1944 “A grande transformação” já anotava a passagem de uma economia de mercado para uma sociedade de mercado no qual se podia ganhar dinheiro com tudo. Para Polanyi, ocorre uma mudança de mentalidade da humanidade. Com a criação das instituições de mercado e a crescente industrialização, o comportamento, a ação humana e até mesmo os sentimentos, tudo se ajusta à sua lógica. Neste sentido, até mesmo a vida do espírito é captada por essa sociedade de mercado que se torna ainda mais radical com o advento do neoliberalismo contemporâneo.

Para Boff, temos o dever ético de resgatar a razão cordial e a razão sensível. Deixamos de lado esse aspecto da razão porque prejudicaria a objetividade do conhecimento. Acontece que, na ótica de Boff, fundamentalmente somos seres de sentimento e paixão.

Adela Cortina, filósofa espanhola, criou a “Ética da razão cordial”. Toma como base a tradição do reconhecimento recíproco, obrigação do fundamento moral. Nas palavras da filósofa, o seu objetivo é: “[...] tentar superar as limitações de uma ética mínima procedimental, atualizar as suas abordagens numa ética

que não é só da razão procedimental mas, da razão humana íntegra, da razão cordial” (CORTINA, 2007, p. 32).

Na razão sensível estão os valores, o mundo das excelências. É na paixão que estão nossos sonhos, utopias e capacidades de indignação para transformar a realidade. Podemos e devemos incorporar a inteligência emocional, ética, do sentimento. Se resgatarmos essa dimensão será mais fácil para entendermos que a Terra é efetivamente mãe.

## 5 Ecologia integral

Quando a sociedade passa a ser de mercado tudo passa a ser valorizado sob o prisma da utilidade econômica e é absorvido pelas regras deste. Sabemos que a globalização e as políticas neoliberais não são capazes de gerar o equilíbrio de mercado, por isso tudo passa a ser comercializável e negociável de maneira desproporcional entre os países. A acumulação capitalista chegou a níveis exorbitantes e gerou uma desigualdade social e econômica gigantesca. Segundo Boff, hoje a crise não é conjuntural, econômica, política, agora é uma crise sistêmica.

A busca pelo crescimento econômico ininterrupto e sem limites maltratou demais o planeta. Para a Terra repor aquilo que perdeu em um ano ela precisará de um ano e meio. A conta, portanto, não fecha. A reserva biótica da Terra foi reduzida drasticamente. Com isso, podemos dizer hoje que a Terra se tornou um planeta insustentável.

A categoria sustentabilidade é mais objetiva, calcula os bens e serviços que a natureza nos dá. Sustentabilidade é, portanto, uma iniciativa que permite que tudo que existe vive e consegue se autoreproduzir. Hoje esse é um conceito extremamente manipulado. Segundo Boff, é um conceito antropocêntrico porque só leva em conta o ponto de vista do humano esquecendo-se dos outros seres vivos.

A sustentabilidade para Leonardo Boff deve ser integradora, onde toda a natureza deve ser incluída, até mesmo o Sol, a Lua, as estrelas, os planetas, etc. Trata-se de uma visão holística radical que segue a mesma lógica dos povos andinos no qual é necessário o equilíbrio e comunhão com Pacha (energia universal) e principalmente com Pachamama (A Mãe Terra). A essas dádivas da vida, os andinos denominam “as bondades da natureza”. A Terra, portanto, é compreendida como um ente e um superorganismo vivo que articula o físico, químico, biológico, ecológico de tal maneira que ela sempre produz e reproduz vida. Os antigos chamavam de *Magna Mater*, os andinos, como já foi dito, *Pachamama* e os modernos chamam de *Gaia*.

O verdadeiro sentido da sustentabilidade, despido do viés comercial, mercadológico e do falso politicamente correto, virá com a convocação dos seres humanos a resgatarem a cooperação e solidariedade para efetivamente promoverem a

mudança em direção ao que Boff chama de “paradigma do cuidado e da responsabilidade coletiva” (BOFF, 2012, p. 73), a fim de assegurar a existência humana e de devolver à Terra a sua força e vitalidade. Temos que assumir definitivamente a responsabilidade coletiva porque em caso contrário as consequências podem ser desastrosas.

Na década de 80 o biólogo americano Thomas Lovejoy criou o termo “diversidade biológica”. Para o biólogo, estamos no início do que poderia ser a sexta maior extinção em massa. A palavra “Biodiversidade” foi usada pela primeira vez pelo entomologista E. O. Wilson em 1986, num relatório apresentado ao Primeiro Fórum Americano sobre a diversidade biológica. A palavra “Biodiversidade” foi sugerida em 1992 na Conferência do Rio com o objetivo de substituir diversidade biológica, porque seria uma palavra mais expressiva em termos de comunicação. Segundo Wilson, a cada ano desaparecem de 70.000 a 100.000 espécie de seres vivos. Cada ser vivo é um livro aberto que sequer é aberto porque já é eliminado. Uma verdadeira devastação.

Em seu livro “O Futuro da Vida”, Wilson nos mostra que a biosfera não precisa da humanidade, mas nós é que precisamos dela. Wilson propõe uma aliança entre as duas forças que movem as pessoas: a tecnociência e as religiões. Teríamos que unir essas duas forças no sentido de demonstrar que a ciência pode ensinar a religião a não ser fundamentalista e as religiões ensinam a ciência a ser feita com consciência.

Boff também usa como referência o papa Francisco cuja proposta é de uma ecologia integral que vê a Terra como parte do universo e em que a ecologia mental seria a mais importante de todas. O *Laudato Si*<sup>4</sup> do papa parte do princípio de que tudo está interligado. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também acontece com as espécies vivas.

O capítulo central da Encíclica é a Ecologia Integral. Não se refere apenas à ecologia em si, enquanto defesa do meio ambiente. É uma defesa dos ecossistemas planetários. Para Edgar Morin, numa de suas inúmeras entrevistas, afirmou que a Encíclica representava um passo importantíssimo para o século XXI, além de se aproximar muito de seu conceito de Terra-Pátria.<sup>5</sup> É uma tentativa clara na Encíclica de acabar com a oposição homem – natureza. Estabelece uma espécie de

---

4 Encíclica “ecológica” do Papa Francisco. “Laudato si, mi Signore - Louvado sejas, meu Senhor”, cantava São Francisco de Assis. Neste gracioso cântico, recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços

5 Até os anos 1950-1960, vivíamos numa Terra desconhecida, numa Terra abstrata, numa terra-objeto. O nosso fim de século descobriu a Terra-sistema, a Terra Gaia, a biosfera, a Terra parcela cósmica e a Terra-Pátria.

teologia ecológica em que a conversão ecológica não é opcional. Ainda segundo a Encíclica, a natureza não teria sido feita para ser dominada impunemente.

No século XVI, Pascal publicou o livro “Pensamentos”, em que destaca o espírito de geometria e o espírito de finura. Na perspectiva de Boff, hoje há um embate entre os dois e se vê claramente que prevalece o espírito de geometria (a ciência e a técnica) em detrimento do cuidado que se relaciona ao espírito de finura.

## 6 Considerações finais

Apesar do pensamento utópico de Boff, sua proposta não é trazer consolo, mas sim a angústia. Esta, depois de Kierkegaard, passou a ser entendida como uma realidade que faz parte da condição humana, que não pode ser curada por nenhum psicanalista. Afinal, é a angústia que faz pensar, que move as pessoas para o diálogo e a tomarem iniciativas.

Estamos de fato no cenário de uma grande crise de civilização. De acordo com Serres (2008), a guerra mundial não se restringe apenas aos momentos históricos mais sangrentos do século XX, isto é, a primeira e a segunda guerra mundial. O adjetivo mundial pode se aplicar também, para Serres, a uma guerra contra o mundo. Essa Guerra Total seria quando a humanidade como um todo decide atacar Gaia em todas as frentes, mas não temos nenhuma chance de ganhá-la.

Entretanto, Boff afirma que a crise faz amadurecer as pessoas. Sob a certeza de que a vida não é nem material nem espiritual e que ela é eterna, os seres humanos têm que construir o projeto utópico da democracia sócio-cósmica, uma democracia não só antropocêntrica que vale para os seres humanos, mas que inclui as paisagens, as águas, florestas, etc.

Todos os seres da natureza têm uma alteridade própria e são, portanto, em certa medida, portadores de um direito à existência, ao respeito pela sua cidadania cósmica. Cada ser, as famílias e as populações dos seres possuem uma linguagem, comunicam uma mensagem e se fazem reveladoras de um mistério da existência e da vida que, por sua vez, remete a um mistério maior, que tudo unifica, tudo penetra e faz resplandecer, o mistério de Deus-comunhão-de-pessoas-divinas-de-vida-e-de-amor. Partindo dessa atitude, deve-se pôr o problema de um desenvolvimento que de um lado satisfaça às necessidades humanas e culturais e, do outro, leve em conta as exigências do equilíbrio da própria natureza, sem desorganizá-la ou mesmo destruí-la (BOFF, 1996, p. 62).

Boff conclui que devemos inventar uma nova forma de habitar o planeta, uma nova forma de produzir, consumir e de nos relacionar entre nós e todos

nós com a Terra. É por isso que o incluo como um dos maiores utopistas de nossa época.

A Carta da Terra sustenta que estamos num momento crítico da história da Terra e da Humanidade. Daí a necessidade de se fazer um pacto entre nós para cuidar da Terra e de uns dos outros. “É um dos textos mais completos que se tem escrito ultimamente, digno de inaugurar o novo milênio. Recolhe o que de melhor o discurso ecológico produziu, os resultados mais seguros das ciências da vida e do universo, com forte densidade ética e espiritual”, afirma Leonardo Boff.<sup>6</sup>

A utopia de Boff é a criação da aliança global de cuidar da Terra e cuidar uns dos outros. Se fizermos isso teríamos feito a ruptura necessária do velho paradigma da dominação e devastação para o paradigma da convivência, do cuidado, o paradigma da sustentação de toda a vida. Não só a vida humana, para não sermos antropocêntricos, mas de toda a comunidade de vida.

Precisamos criar, segundo a utopia de Boff, um novo modelo civilizatório. Somos obrigados a mudar. Ou mudamos de rumo ou morremos. Fomos demasiado longe na Guerra Total contra Gaia. Precisamos de um novo começo. Para isso precisamos de um outro olhar, olhar a Terra como nossa mãe.

## Referências

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

\_\_\_\_\_. A perigosa travessia para a república mundial. In: ARAÚJO, W. (org.). **Quem está escrevendo o futuro? 25 textos para o século XXI**. Brasília: Letra Viva, 2000.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix; 2006.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2003.

6 Trecho extraído de <http://www.institutoatkwvh.org.br/compendio/?q=node/20>. Acesso em 13/08/2016 às 15h35.

CORTINA, Adela. **Ética de la razón cordial**: educar en la ciudadanía en el siglo XXI. Oviedo: Nobel, 2007.

DUBOIS, Christian. **Heidegger**: introdução a uma leitura. Tradução de Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Ícone, 2004.

MORIN, Edgar; KERN Anne-Brigitte. **Terra-Pátria**. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SERRES, Michel. **A guerra mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

WILSON, Edward O. **O futuro da vida**: um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

